Na crise do exílio se renova a esperança

Os profetas de Israel e de Judá aparecem nos tempos de crise dos dois reinos. É a crise provocada pelas mudanças no panorama da política internacional. Do séc. IX aC em diante aparece no cenário internacional o Império Assírio, que em 722 aC elimina do mapa o Reino de Israel e obriga Judá a lhe pagar tributos. É neste tempo que surgem os profetas Elias e Eliseu, seguidos de Amós e Oséias – no Reino de Israel – e de Isaías e Miquéias, no Reino de Judá. Após breve período de independência, propiciado pela decadência do Império Assírio, durante o reinado de Josias (640-609 aC), Judá cai de novo sob a dominação internacional, desta vez a da Babilônia. É então que surgem os profetas Sofonias, Naum, Habacuc, Jeremias e Ezequiel. As ameaças dos profetas, sobretudo de Jeremias e Ezequiel, se cumprem com a destruição de Judá e o conseqüente exílio de sua população.

O período do exílio é considerado como um tempo de crise e de renovação. A situação de crise aparece descrita no Segundo Livro dos Reis, nas Lamentações, em Jeremias, em Ezequiel e no Dêutero-Isaías. Mas é também nestes livros que aparece a criatividade, começam a se delinear os primeiros sinais do novo e, portanto, da esperança. No presente estudo queremos abordar estas duas questões no livro de Ezequiel.

1. JAVÉ DISPENSA O TEMPLO

Quem lê o profeta Ezequiel percebe logo a abundância de visões em seu livro: elas ocupam nada menos que 15 capítulos (Ez 1–3; 8–11; 37; 40–48), isto é, quase a terça parte do livro. Este fato nos surpreende. É verdade que já antes os profetas recorreram às visões para explicitar tanto sua vocação divina (1Rs 22; Is 6,1-13; Am 8,1s; Jr 1,11) como o conteúdo dos oráculos ou palavras que eles "vêem" (Is 2,1; 13,1; Am 1,1; Mq 1,1). Em Ezequiel, porém, as visões são descritas com

pormenores que envolvem diretamente o profeta e mesmo o ouvinte. Veremos que nestas visões, como em outras partes do livro, se manifesta um pouco da imaginação criativa do profeta no momento da crise do exílio.

A longa visão vocacional (Ez 1–3) se dá na planície do canal Cobar, no exílio da Babilônia. Portanto, longe de Jerusalém e da terra de Judá, onde Javé "morava" (Ez 11,15), longe do templo, onde Javé "fixou o seu nome" (Dt 12,5); distante do lugar para onde todos os anos, por ocasião das festas, o israelita se dirigia em romaria, a fim de se alegrar na presença de Javé (Dt 12,7; 26,1-11).

Na concepção oriental, pátria e religião estavam inseparavelmente unidas (cf. 1Sm 20,19); cada país tinha o seu Deus e era lá que devia ser adorado. Por isso, Naamã o sírio, quando fica limpo da lepra e se converte a Javé, pede a permissão de levar duas cargas de terra para Damasco. Sobre esta terra de Javé iria levantar um altar para ali oferecer-lhe os sacrifícios devidos (2Rs 5,17). Javé tem, pois, a sua terra, a terra que deu ao povo de Israel. Por isso, Ezequiel protesta contra a gula territorial de Edom, que se propõe a tomar conta da terra de Israel e de Judá destruídos, "apesar de Javé estar lá" (Ez 35,10).

A experiência do exílio, contudo, leva a repensar a idéia de um Deus ligado a uma determinada terra. Javé pode se manifestar e agir também fora de sua terra.

Na visão vocacional de Ezequiel fica claro que a presença de Javé não se restringe à terra de Israel e Judá. Javé está presente também em Babilônia, onde estão os exilados. Esta novidade fica ainda mais evidente na visão dos pecados no Templo (Ez 8–11). Os exilados não estão "longe de Javé", como pensam os que ficaram em Jerusalém após a primeira deportação para a Babilônia, em 597 aC (11,14s). Pelo contrário, o próprio Javé decidiu abandonar o Templo profanado pela idolatria, condenando-o à destruição. Podia até dispensar o seu Templo, pois o próprio Deus tornou-se "por um pouco de tempo, um santuário nos países para onde foram". Esta novidade era tanto mais espantosa quando pronunciada pelo profeta Ezequiel, filho do sacerdote Buzi (Ez 1,3), que, a exemplo de muitos de seus companheiros de exílio, amava o santuário de Javé em Jerusalém (24,21.25).

Volta-se, com isso, à idéia do tempo dos patriarcas, para quem o "Deus dos Pais" acompanhava as andanças de Abraão, Isaac e Jacó. Javé não era uma estátua de um ídolo, presa a um santuário. Javé é um espírito que viaja nas nuvens tempestuosas (1,4-28), agarra o profeta pelos cabelos e o transporta "em visões divinas" para Jerusalém (8,1-3; 40,1s), ou leva-o para fora de casa a uma planície coberta de ossos (37,1s). Não é um Deus que perdeu o controle da história, vencido pelos deuses de Babilônia, como as desgraças caídas sobre Israel e Judá poderiam fazer pensar. É um Deus que mantém, firme em suas mãos, o controle dos acontecimentos: Reconstrói o que foi demolido e replanta o que foi devastado (36,36). Enfim, um Deus que anuncia pelo profeta o que vai fazer e o realiza na história: "Eu, Javé, falei e farei" (17,24; 37,14, etc.).

2. O NOVO ÊXODO RESTAURARÁ TAMBÉM O SANTUÁRIO

O distanciamento da Terra Prometida e a impossibilidade de seguir a liturgia do Templo já destruído levam à tentação de adotar o culto aos deuses dos opressores babilônicos: "Seremos como as nações, como as populações de outros

países, servindo árvores e pedras" (Ez 20,32). É uma tentação misturada à crença popular acima lembrada, que considera pátria e religião inseparáveis.

Como resposta, o Profeta imagina e anuncia um novo êxodo. Comparado ao êxodo do Egito, será um êxodo bem diferente. Não haverá pragas contra os opressores babilônicos como as do Egito. Ao contrário, Javé reinará com rigor sobre o próprio povo: "É com mão firme e braço estendido e com furor desencadeado que reinarei sobre vós" (20,33). Este furor divino servirá para reunir os israelitas do meio das nações por onde estão dispersos, a fim de levá-los ao "deserto das nações", isto é, o deserto da Síria. Ali Deus vai instaurar um processo para eliminar os rebeldes; estes não poderão entrar na Terra de Israel (20,34-38). É assim que Ezequiel começa a alimentar a esperança de um retorno dos exilados à sua terra.

Aos que se sentem tentados à idolatria na Babilônia (20,32.39) Ezequiel anuncia que o destino final deste novo êxodo não será apenas retornar à terra de Israel. Se o êxodo do Egito tinha por finalidade deixar de servir o Faraó para servir a Javé (Ex 3,12.18; 5,3; 7,16, etc.), o novo êxodo também terá a finalidade de levar a "casa de Israel" a servir a Javé na sua terra: "Pois é no meu monte santo, no alto monte de Israel – oráculo do Senhor –, é lá que a casa de Israel toda inteira me servirá no país" (20,40). Para Ezequiel, o projeto do novo êxodo está ligado à instauração do culto no monte santo de Javé, que é Jerusalém. Nisso ele é devedor da concepção deuteronomista. De fato, o Cântico de Moisés, de redação deuteronomista[1], assim apresenta a meta final do êxodo do Egito: "Tu os introduzirás e plantarás no monte de tua herança, no lugar que preparaste para tua morada, Senhor, santuário, ó Senhor, que tuas mãos fundaram" (Ex 15,17).

O novo êxodo, segundo outro texto talvez de um discípulo de Ezequiel[2], seria acompanhado da punição dos povos vizinhos que odeiam Israel: "Quando reunir a casa de Israel dentre os povos no meio dos quais foram dispersos, manifestarei neles a minha santidade à vista das nações e eles habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó. Nele habitarão em segurança, construirão casas, plantarão vinhas. Viverão em sossego quando eu infligir castigos a todos os vizinhos que os odeiam" (Ez 28,25-26; cf. 39,25-29).

Com o novo êxodo, as montanhas de Israel, antes ameaçadas com o julgamento divino (Ez 6,1-14), uma terra "devoradora de gente e que priva de filhos a própria nação" (36,13), serão o espaço onde se multiplicará o "resto" resgatado entre as nações: "Quanto a vós, montanhas de Israel, reverdecereis e ficareis carregadas de frutos para o meu povo de Israel, pois eles estão prestes a chegar. Sim, eu vou ao vosso encontro e volto-me para vós. Sereis trabalhadas e semeadas. Sobre vós multiplicarei homens, a casa de Israel toda inteira. As cidades serão repovoadas, as ruínas reconstruídas. Multiplicarei sobre vós homens e animais. Eles se multiplicarão e serão férteis. Eu vos tornarei habitadas como outrora e vos darei mais benefícios do que no princípio. Assim sabereis que eu sou o Senhor" (36,8-11).

1. TOURNAY, R. Chronologie des Psaumes. *RB* 65 (1958) 335-357.
2. ZIMMERLI, W. *Ezechiel* (BK 2), 695-696.

3. A CONVERSÃO COMO SAÍDA DA CRISE

Em Judá corria na boca do povo um provérbio, citado também por Jeremias (31,29), que expressa a idéia da responsabilidade coletiva: "Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados" (Ez 18,2). Ezequiel rejeita a tese da responsabilidade coletiva, usada pelos que pretendiam criticar a justiça divina, considerando-se inocentes e, portanto, injustamente punidos por Deus. Cada pessoa, diz Ezequiel, será de agora em diante responsabilizada pelos próprios atos. O filho justo não pagará pelos pecados do pai ímpio. Nem o pai justo justificará o filho ímpio. E o Profeta conclui sua reflexão com um apelo à conversão, que delineia seu projeto para o futuro:

"Por isso, vou julgar cada um de vós, casa de Israel, segundo a sua conduta – oráculo do Senhor Deus. Arrependei-vos, convertei-vos de todos os vossos crimes para que já não haja para vós ocasião de cair em pecado. Libertai-vos de todos os crimes cometidos contra mim. Formai-vos um coração novo e um espírito novo. Por que haveis de morrer, casa de Israel? Pois eu não sinto prazer na morte de ninguém que morre – oráculo do Senhor Deus. Convertei-vos e vivereis!" (18,30-32).

A renovação nacional passará, portanto, pela conversão e renovação individuais, com as seguintes etapas: 1) julgamento individual (v. 30; cf. 20,37); 2) conversão; 3) formação de um coração novo e de um espírito novo. Contradizer este projeto divino para o futuro é caminhar para a morte; conformar-se com ele é buscar a vida, que Javé quer para todos.

O julgamento individual se daria no "deserto das nações", onde cada israelita teria a chance de entrar nos "vínculos da aliança" (20,37). A chance para passar por este julgamento era a conversão individual prévia. Seria necessário formar um novo coração e um novo espírito, isto é, uma nova mentalidade que afastasse dos ídolos, levasse à prática da justiça e da solidariedade com os pobres (18,6-9) e orientasse as pessoas inteiramente para Deus. Em resumo, fazer-se um coração novo e um espírito novo é praticar o direito e a justiça (18,5).

Este mesmo projeto Ezequiel reapresenta aos exilados, prostrados no desânimo pela falta de uma perspectiva para o futuro:

"É assim que dizeis: 'Nossos crimes e pecados pesam sobre nós, e por causa deles estamos definhando. Como poderemos viver?' Dize-lhes: Juro por minha vida – oráculo do Senhor Deus – não tenho prazer na morte do ímpio, mas antes que ele mude de conduta e viva! Mudai, mudai de conduta! Por que havereis de perecer, casa de Israel?" (33,10-11).

Mudar de conduta, arrependendo-se do pecado, e praticar o direito e a justiça, é a única saída para a vida (33,12-20).

A conversão como pressuposto da salvação é uma tese típica da "Obra Histórica Deuteronomística"[3], que Ezequiel também assumiu. O esquema do Deuteronomista está delineado em Jz 2,6-9: a) pecado; b) punição: c) súplica/conversão; d) salvação. Ezequiel, sobretudo na segunda fase de sua atividade, faz apelos freqüentes à conversão, condição para a salvação. Diversamente do Deute-

3. Sobre a Obra Histórica Deuteronomística veja J. SCHREINER. Balanço após a catástrofe. A Obra Histórica Deuteronomística. Em: *Palavra e Mensagem*. S. Paulo, Paulinas, 1978, p. 281-298. Veja também o artigo de F. OROFINO: *Assimilar ou resistir? A crise diante de um fato perturbador*, neste fascículo.

ronomista, porém, já anuncia claramente a salvação, o novo êxodo, como vimos acima.

4. O NOVO SURGIRÁ DO "RESTO"

O tema do "resto" de Israel é um fio de esperança que perpassa o livro de Ezequiel desde o primeiro oráculo (Ez 5,4-17). Este oráculo explica a ação simbólica da cidade sitiada (4,1-3) e dos cabelos e barba raspados, que devem ser divididos em três partes (5,1-4). A cidade sitiada é Jerusalém, condenada à destruição (5,5). Os pêlos raspados e divididos em três partes simbolizam o destino dos habitantes de Jerusalém: "Um terço de tua população morrerá de peste e será aniquilado pela fome dentro de ti. Um terço tombará pela espada ao teu redor. E outro terço dispersarei em todas as direções e puxarei da espada atrás deles" (5,12). A terça parte da população que sobra da cidade é, pois, dispersada e ainda ameaçada pela espada. Mas é neste terço que reside a esperança de um futuro, como veremos. De fato, ao final da ação simbólica dos pêlos divididos em três partes, após anunciar a espada para a terça parte restante (cf. 7,16), o profeta acrescenta: "Destes, porém, tomarás um pequeno número e os atarás na orla do manto. Tirarás mais um pouco deles e os lançarás no meio do fogo para queimar" (5,3-4). Da terça parte restante, portanto, Ezequiel deverá guardar com cuidado uma parte no seu manto. Mesmo assim, sobre este "resto do resto" paira a ameaça de ser lançado ao fogo, símbolo do julgamento de que fala Ezequiel (20,35-38). O resto que fica é o que sobra de uma cebola que a gente vai "desfolhando"...

O resto disperso entre as nações se lembrará de Javé, reconhecerá sua infidelidade, se envergonhará de suas más ações e saberá que as ameaças anunciadas pelo profeta não foram vãs: "Mas deixarei que alguns de vós escapem da espada entre as nações, quando eu vos dispersar pelos países. Então os que escaparem se lembrarão de mim entre as nações para onde forem deportados. Pois eu lhes quebrarei o coração adúltero que se apartou de mim, e os olhos licenciosos que seguiram atrás dos ídolos. Sentirão repugnância de si mesmos pelas maldades que cometeram, por todas as abominações. Saberão que eu, o Senhor, não falei em vão ameaçando fazer-lhes este mal" (6,8-10).

Quem fará parte deste resto destinado à sobrevivência? O profeta respondeu aos poucos a esta pergunta. Na visão que descreve a idolatria do Templo (Ez 8–11), por exemplo, o profeta recebe de Javé a seguinte ordem: "Passa no meio da cidade, no meio de Jerusalém, e marca com um tau na testa os homens que gemem e suspiram por tantas abominações que nela se praticam" (9,4). Estes assinalados pelo tau serão poupados da matança (9,6). Mas quando começa a matança o próprio profeta cai prostrado e grita: "Ah! Senhor Deus! Vais exterminar todo o resto de Israel, desencadeando teu furor sobre Jerusalém?" (9,8). Na resposta a esta angustiante pergunta Javé deixa claro que não fazem parte deste resto os que cometem assassinatos e injustiças na cidade e dizem: "O Senhor abandonou o país, o Senhor não está vendo" (9,9). Estes são os mesmos setenta anciãos que praticam a idolatria às escondidas (8,7-12).

Entre os responsáveis pelas maldades que se cometem na cidade estão outros vinte e cinco homens, liderados por Jezonias e Feltias. Foram eles que "multiplicaram as vítimas na cidade e atapetaram as ruas de mortos" (11,6). Enquanto Ezequiel profetiza e os ameaça com o castigo de Javé, Feltias cai morto

no chão. Então Ezequiel se prostra no chão e grita: "Ah! Senhor Deus, vais aniquilar o resto de Israel?" (11,13). Nesta pergunta há uma ironia, pois o nome Feltias significa "sobrevivente (fugitivo) de Javé". Apesar de seu nome, porém, Feltias e seu grupo não farão parte dos sobreviventes, nem conseguirão fugir de Jerusalém.

Quem será o resto: Os que ficaram em Jerusalém ou os dispersados pelo exílio? Ezequiel neste ponto não concorda com os habitantes (lideranças?) de Jerusalém semidestruída, que pretendiam ser o "resto", donos da herança da terra e da presença de Javé. Para o Profeta, fariam parte do futuro resto exatamente os exilados na Babilônia, desprezados pelos de Jerusalém. Eles seriam um dia recolhidos do meio das nações, removeriam seus ídolos, receberiam um coração de carne no lugar do coração de pedra e um espírito novo. A este resto renovado Javé devolveria o dom da terra (11,17-21).

O rei e sua comitiva, que tentariam escapar da cidade sitiada, também não seriam este "resto". Também eles serão vítimas da espada (12,14). Alguns deles, porém, serão poupados, com uma missão especial: "Deixarei um pequeno número deles escapar da espada, da fome e da peste, a fim de contarem entre as nações, para onde forem, todas as suas abominações" (12,16). Em outras palavras, este "resto" teria apenas a tarefa de contar para as nações para onde fosse dispersos todas as maldades que se praticavam em Jerusalém; deixariam assim justificado o castigo que Javé aplicou à cidade e ao país. Os sobreviventes que seriam deportados também teriam uma missão: "Restará nela (em Jerusalém) um grupo de sobreviventes, jovens e moças que serão deportados. Eles já estão vindo ao vosso encontro. Vendo-lhes a conduta e as práticas, havereis de vos consolar da desgraça que eu fiz vir contra a cidade" (14,22-23).

A própria cidade de Jerusalém, com a população que sobrou após a deportação de 597 aC, especialmente os "chefes do povo", também não farão parte deste "resto". Ao grupo de Jezonias e de Feltias, que se julgavam o "resto" preservado por Javé em Jerusalém (11,3), Ezequiel anuncia a desgraça e a morte (11,5-12). A destruição e o fogo consumirão a cidade e os seus habitantes, "pois eu te queria purificar mas tu não ficaste purificada de tua impureza" (24,13). Os habitantes de Jerusalém que escaparam à destruição em 597 aC não teriam a mesma sorte mais tarde, em 587 aC: "Voltarei meu rosto contra eles. Eles escaparam do fogo, mas o fogo os devorará" (15,7). Jerusalém é um tronco de videira, inútil até mesmo para fazer fogo (15,1-8). Mas quando Javé a perdoar e com ela fizer uma "aliança eterna", Jerusalém terá novamente um futuro (16,59-63).

Os reis terão um triste fim. O rei Joaquin foi deportado para Babilônia (Ez 17,4.11). Sedecias, posto por Babilônia em seu lugar, violou o juramento de fidelidade (17,11-18), seria cegado e conduzido à Babilônia (12,13; 17,1-21). Os reis em geral eram maus pastores, que se aproveitaram de suas ovelhas e as tratavam com "dureza e brutalidade" (34,9). Por isso Javé lhes arrancará as ovelhas das mãos e lhes cassará o ofício de pastor. Ele mesmo tomará conta do rebanho (34,10-16). Mas a monarquia não terminará. Ela ainda fará parte deste "resto" do futuro: "Para apascentá-las estabelecerei sobre elas um único pastor, o meu servo Davi... Eu, o Senhor, serei o seu Deus e o meu servo Davi será príncipe entre eles" (34,23-24). A monarquia, agora em ruína, terá, conforme o prevê a escola de

Ezequiel[4], um grandioso futuro: "Eu mesmo pegarei da copa do cedro, do mais alto de seus ramos arrancarei um rebento e o plantarei sobre um alto e escarpado monte. Eu o plantarei no alto monte de Israel. Ele produzirá folhagem, dará frutos e se tornará um majestoso cedro. Debaixo dele pousará todos os pássaros, à sombra de seus galhos as aves farão ninhos. E todas as árvores do campo saberão que eu sou o Senhor que abato a árvore alta e exalto a árvore baixa, faço secar a árvore verde e brotar a árvore seca. Eu, o Senhor, falei e farei" (17,22-24).

Trata-se de promessa messiânica projetada para o futuro, no momento em que a monarquia histórica chegou ao seu fim. Javé é o rei que vai tomar conta de seu rebanho. Mas precisa de intermediários para salvar e governar seu povo, como no passado precisou de Moisés, de Josué, dos juízes e mesmo dos reis.

5. O NOVO É UM DOM DE DEUS

Como vimos, a conversão é pressuposto para o novo êxodo e para a salvação. Formar um coração novo e um novo espírito é um desafio inatingível para seres humanos. É preciso o concurso divino. Ezequiel constata que os dispersos pelo exílio pouco fizeram para se converterem e mudarem de conduta: "Chegados às nações para onde foram, profanaram o meu santo nome quando a respeito deles se dizia: 'Esse é o povo do Senhor, mas tiveram de sair de seu país'. Então eu tive pena do meu santo nome que a casa de Israel profanava entre as nações para onde foram" (36,19-21).

A iniciativa de fazer voltar o povo à sua terra cabe inteiramente a Javé. Não é mérito de Israel: "Não é por causa de vós que eu ajo, casa de Israel, mas por causa de meu santo nome que vós profanastes entre as nações para onde fostes" (36,22).

Jeremias também constatava a impossibilidade de uma conversão sem o concurso divino: "Pode um etíope mudar de cor, ou um leopardo as suas pintas? Podeis acaso fazer o bem, vós que estais acostumados ao mal?" (Jr 13,23). Levado pela mesma convicção, Ezequiel passa a apresentar a salvação não mais como fruto de uma iniciativa humana, mas como puro dom divino:

"Eu vos tomarei dentre as nações, recolhendo-vos de todos os países, e vos conduzirei à vossa terra. Derramarei sobre vós água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as impurezas e de todos os ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei o meu espírito dentro de vós e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos. Habitareis no país que dei a vossos pais. Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus".

6. UMA ESPERANÇA PARA ALÉM DE TODA ESPERANÇA

De forma ainda mais plástica Ezequiel descreve na visão do campo de ossos secos (37,1-14) a situação desesperadora em que viviam os exilados na Babilônia. Javé o fez circular no meio de um campo de ossos ressequidos e pergunta ao profeta: "Poderão esses ossos reviver?" E o profeta responde: "Senhor Deus, tu é que sabes!" (v. 3). Sim, tudo parecia ter acabado: a nação, o rei, as

4. ZIMMERLI, W. *Ezechiel*, 390.

feitas a Davi, o dom da terra, a aliança, o templo e o culto... Então Javé manda Ezequiel profetizar, anunciando que Deus enviará o seu espírito para fazer os ossos reviverem. O profeta assim fez e os ossos reviveram. Na explicação, Javé diz ao profeta: "Estes ossos são toda a casa de Israel. Eis o que dizem: 'Nossos ossos estão secos, nossa esperança acabou, estamos perdidos'!" (v. 11). Javé é a única esperança de futuro e de vida, quando toda esperança humana está morta. Ele é capaz de tirar a vida da própria morte: "Ó meu povo, vou abrir vossas sepulturas! Eu vos farei sair de vossas sepulturas e vos conduzirei para a terra de Israel" (v. 12).

O "resto" que Javé vai restaurar acabará com a divisão dos reinos, terá Davi como único rei e terá uma aliança de paz:

"Eles serão meu povo e eu serei o seu Deus. Meu servo Davi reinará sobre eles e haverá para todos eles um único pastor. Viverão segundo meus preceitos e guardarão minhas leis, pondo-as em prática. Habitarão no país que dei ao meu servo Jacó, onde moraram vossos pais. Ali habitarão com os filhos e netos para sempre, e meu servo Davi será seu príncipe para sempre. Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna com eles" (37,23-26).

Como vimos, em meio à crise do exílio, Ezequiel soube repensar a possibilidade de Israel existir sem templo. Soube buscar na tradição do êxodo a esperança de um retorno à terra. Apelou para a conversão como saída para a crise. Apontou para a esperança de um novo povo que surgiria das cinzas da destruição, a partir de um pequeno resto. Procurou renovar a fé na ação salvífica de Javé. Enfim, a partir das tradições religiosas de Israel e da realidade dura do exílio, soube ser criativo no anúncio de uma nova esperança para o povo.

7. MUDAR PARA SOBREVIVER

A situação do povo em várias partes do Primeiro e do Terceiro Mundos, especialmente a do Brasil, é parecida à do campo de ossos secos. A vida é ameaçada de várias formas: pela destruição do meio ambiente, pelo consumo desenfreado dos bens da terra e pela concentração injusta destes bens nas mãos de poucos privilegiados. A nação vai mal por causa da corrupção e dos desmandos da classe política e do egoísmo de suas elites empresariais, donas da terra, do capital e do trabalho. O povo está sendo expulso de suas terras pela pressão econômica e pelas leis fundiárias injustas. Está sendo exilado dentro de seu próprio país, do campo para as periferias das cidades, onde vive amontoado em condições de miséria. A violência crescente angustia os pobres e põe em risco a segurança até dos ricos. Falta moradia, trabalho, escola e saúde. Há dezenas de anos vivemos nesta situação e a perspectiva de melhoria parece cada vez mais distante. A vida está sendo ameaçada de todas as formas. Poderá nosso povo sobreviver, ter esperanças de um futuro melhor?

Mais uma vez temos de responder com o profeta Ezequiel: "Tu é que sabes, Senhor!" É a pergunta que vem da fé e que pede uma resposta a partir da fé. É preciso que Deus toque o coração de pedra de nossos governantes, dos políticos e das elites que detêm o poder e a riqueza. Ele costuma provocar essa resposta através dos acontecimentos históricos, convulsões sociais, por vezes dramáticas e dolorosas. É preciso que seu Espírito torne estes corações de pedra mais humanos,

que os faça de carne, sensíveis e solidários com os 70 milhões de brasileiros pobres e 35 milhões de miseráveis.

É preciso que os ricos saiam de seus condomínios fechados, abandonem seus refúgios protegidos por grades vigiadas por cães bem nutridos, para repartir os bens com os "Lázaros" que jazem à sua porta.

É preciso que as Igrejas continuem denunciando as injustiças, mas que também mudem certas práticas para que possam continuar a ter credibilidade, quando pregam e anunciam a conversão e a esperança.

É preciso que surjam profetas como Ezequiel para acenderem em nome do Deus da vida o estopim da fé e da esperança, a exemplo do sociólogo "Betinho". Urge despertar as energias latentes no meio deste povo, que "geme e suspira" (cf. Ez 8,4) por causa de tanta injustiça e violência que se pratica em nossa sociedade. Então, sim, nosso povo desesperançado se erguerá com os próprios pés para extirpar da sociedade, como um cancro, os sinais de morte e plantar um projeto de vida para todos.

Ludovico Garmus
Caixa postal 90023
25689-900 Petrópolis, RJ